

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1,5200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1,5000 reis. Numero avulso, 400 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

SUMMARY: — *Mgr. Macchi*, novo Nuncio em Lisboa.—ESTUDOS RELIGIOSOS: *O Christo*, por D. Francisco de Noronha.—DOCUMENTOS PONTIFICIOS: *Moto Proprio de S. Santidade Pio X.*—*Carta Pastoral do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Bispo do Porto*—LYRA CHRISTA: *Mater Intemerata*, poesia, por A. Moreira Bello.—NOTAS SOCIAES: So-

cialismo e anti-clericalismo, (de Max Turman)—BIBLIOGRAPHIA: *O Livro dos Terceiros Franciscanos.*—DE TUDO UM POUCO.—RE-TROSPECTO DA QUINZENA.

Gravuras: *Mgr. Macchi*, novo Nuncio em Lisboa; *Duas amigas*; *P. Nozaleda.*



Mgr. Macchi, Arcebispo da Thessalonica

Festejamos hoje com o maior jubilo a chegada do novo Nuncio, Mgr. Macchi, a esta nossa terra portugueza, dando em logar de honra o seu retrato e fazendo-o acompanhar dos seus traços biographicos. A fama de que vem precedido o nome aureolado de s. ex.^a é firme garantia para o bom desempenho do alto cargo de que se acha investido. Bem vindo seja, pois, S. Ex.^a.

O novo Nuncio nasceu em Palestrina, a 10 de julho de 1845. Foi sagrado Bispo de Gaddara a 27 de fevereiro de 1880, quando só tinha 35 annos de idade, e 9 annos depois, a 3 de abril de 1889, foi sagrado Arcebispo de Amará.

Immediatamente encetou a sua brilhantissima carreira diplomatica, sendo então enviado, como delegado apostolico, junto das republicas do Equador, Peru e Bolivia. Durou esta missão até 1897, data em que teve de deixar este cargo, dirigindo-se ao Brazil investido de Inter-Nuncio Apostolico e ahi se demorou até ao anno de 1902. Por este tempo era esta Inter-Nunciatura elevada á cathegoria de Nunciatura, sendo Monsenhor Macchi, o seu primeiro Nuncio. Deixou este ultimo paiz em agosto de 1902 para ir occupar o logar de Nuncio junto da córte da Baviera, onde se demorou um anno sómente.

ESTUDOS RELIGIOSOS

O Christo

«Le chrétien sut toujours le Christ à la porte et prêt à frapper.»
Le C. te Franz de Champagni—Roma e a Judéa.

Já iam longe as guerras medicas e as guerras punicas, luctas colossaes que definiram o espirito de raças, accentuaram a superioridade inventiva de povos e pelos seus resultados confiaram o leme dirigente da civilização humana ao habitante do occidente, já iam longe taes luctas famosas quando um hebreu, de berço humilde e esquivo a ouropéis, travava com uma samaritana aquelle dialogo celeberrimo que, muitos seculos depois, arrancou a Ernesto Renan phrases d'esta natureza: «No dia em que Jesus pronunciou estas palavras foi verdadeiramente filho de Deus. Proferia, pela primeira vez, as palavras que serviram de base ao edificio da religião eterna. Fundou o culto puro, sem data, sem patria; o culto que todas as almas elevadas praticarão até á consummação dos tempos. N'aquelle dia foi a sua religião, não só a boa religião da humanidade, mas a religião absoluta; e, se outros planetas teem habitantes dotados de razão e de moralidade, não póde a sua religião ser differente da que Jesus proclamou junto do poço de Jacob». Ensinára o singular hebreu á mulher de Samaria que Deus deve ser adorado em espirito e em verdade, sem escólha de logares e sem distincção de pessoas.

«Eu sei, disse lhe a mulher, que está a chegar o Messias (o que se chama o Christo), quando pois elle vier, então nos annunciará todas as coisas.»

A isto replicára o seu desconhecido interlocutor: «Eu sou, que fallo contigo...»

Entretanto as legiões do imperio faziam pesar a espada vencedora sobre as gentes submettidas e aquelle mesmo hebreu encontrava-se dependente da justiça de Cesar.

«Christo, o Jesus de Nazareth, lê-se no livro *A Mulher e a Civilização* por Carneiro de Moura, nas tardes tranquilas dos dias formosos de Jerusalem, conhecendo as idéas Moraes da religião de seus maiores e sentindo a devassidão romana, opulenta de ouropéis, corruida pelo desejo do ouro, hypocrita no despreso dissimulado dos fracos, das creanças e das mulheres,—Christo, pobre operario da Judéa, filho d'uma meiga hebrêa formosa, conversava chammejante de convicção com as mulheres e com os velhos, com as creanças e com os pescadores, e perguntava-lhes se não tinham sê-te de justiça.» Sereno e cheio de piedade elle contemplava de sua divina essencia a dôr da miseria e a treva da ignorancia e insinuava nos animos o mystico desprendimento das coisas terrenas.

O homem vive mais que de pão: não perderá Maria por se ficar escutando attenta a palavra de Christo enquanto Martha se atarêfa, preparando a comida.

«O genero humano tinha vivido arrebanhado e em noite escura, escreveu um portuguez fallecido, D. Antonio da Costa, em *Tres mundos*. O homem nascia n'aquelle momento, e cada individuo ia ser um homem.» Eis a obra redemptora do mais portentoso e inérme revolucionario de todos os tempos: obra de paz e de amor, de perdão e de benção!

Acertou Champagny, affirmando que: «Le chrétien sut toujours le Christ à la porte et prête à frapper» e acertou, repito, porque o christão não ignora que Jesus fez irradiar no mundo a brilhante aurora de emancipação da humanidade.

Com restricções de casta, negruras de escravidão e in-

versões despoticas de violencia, só tivera vinculo triumphal a força bruta e attingira intensa individualidade a escola do estoicismo.

Mas nem a força bruta conseguiu systematisar-se com caracter estavel, nem o estoicismo apagou a nodoa do escravo na Roma imperial. Foi o Christo, o hebreu sem odios para os samaritanos e sem sophisma para discriminar o proximo como sem confusão para mandar dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus, foi o Christo quem, formulando um novo mandamento e ordenando a seus discipulos que se amassem e levassem o ensino a todas as gentes, revelou a suprêma origem e o alto destino da familia humana.

O sentimento de fraternidade universal, manando qual nectar dos proprios labios de Christo e despertando para a vida commum do amor todas as camadas sociaes, infiltrava-se com energia identica no coração dos escravos e dos senhores.

«Dissimilham-se porventura em alguma cousa o escravo e o senhor? Não respiram o mesmo ar? não contemplam o mesmo sol? não ficarão reduzidos a pó do mesmo modo? não serão julgados pelo mesmo Deus? exclamava S. Gregorio, citado por D. Antonio da Costa, atrás alludido, em o volume *O Christianismo e o Progresso*.

Importa a nossa idade não consentir que esfrie o amor fraternal, supplantado por egoismo sordido. O egoismo só serve para reproduzir a scena da venda pelos trinta dinheiros e para se illudir cada miseravel com o louco empenho de um suicidio.

E' grande a superficie d'este Globo que nos rola no espaço, e não falta area de acção á lei santa do trabalho.

Podem todos os homens e cada um de per si extrahir do humus o agasalho necessario ao corpo e o alimento indispensavel ao organismo, sem que por isso hajam de brigar como cannibaes e de quebrar o laço carinhoso de irmãos legitimos.

A mesma Natureza, tão próvida e maravilhosa em seus quadros imponentes nos instrue de amor profundo e de dedicações incomparaveis entre seres inferiores!

E o homem olvidará o preceito espiritual de fraternidade, resistirá ao enlevo de ternuras suggestivas no mundo das especies vivas que lhe ficam insuperavelmente abaixo?!

Volvidos tantos seculos quantos os que nos separam da epoca de Christo, quererá o rei da criação descer do pedestal ingente de sua dignidade a que a Cruz imprimiu consagração authentica pelo sangue do Martyr?

Não, não volta a ennoitecer o genio da humanidade: o progresso deslumbra-nos de conquista em conquista, mas jámais se empanará a limpidez doutrinal que o Evangelho do Justo fez correr sobre a terra.

Nas horas de isolamento, no silencioso meditar de todas as almas avolumará sempre a figura de Maria, ouvindo a palavra de Christo, e sempre tambem nos acordará suavemente o echo da sublime voz que dizia assim: «Amae vos uns aos outros.»

Não estará contido n'este preceito o remedio salutar para tantissimos enfermos de descontentamento, que até não hesitam em perpetrar crimes hediondos no intuito de supposta cura de males sociaes?

Acóde, ó Christo, ás sociedades humanas em periodo de decadencia moral; não permittas que medrem vendilhões ignobeis, mentindo ao teu nome e acolhendo-se ao abrigo de teus templos, á sombra bemdita de tua Cruz sa-grada!

Que a verdade triumphe nos esplendores divinaes de teus conceitos, na harmonia mental de teus apostolos e na adhesão plena das consciencias, afinal rendidas a teu influxo de eterno amor!

D. Francisco de Noronha.

DOCUMENTOS PONTIFICIOS

Motu-proprio de S. Santidade Pio X sobre a democracia christã

Desde a Nossa primeira Encyclica ao episcopado do mundo, tornando-Nos echo de tudo quanto os Nossos predecessores decidiram a respeito da acção catholica dos leigos, declaramos muito louvavel esta empreza, e, além d'isso, necessaria, na presente occasião, da Egreja e da sociedade civil.

Não podemos deixar de louvar bem alto o zelo de tão illustres personagens que, desde longos tempos, se dedicavam a esta nobre tarefa, e o ardor d'uma juventude, tão distincta, que se tem apressado a prestar-lhe o seu concurso. O decimo nono congresso catholico, reunido recentemente em Bolonha, promovido e animado por Nós, mostrou a todos sufficientemente o vigor das forças catholicas e o que se póde obter de util e de salutar entre as populações crentes contanto que essa acção seja bem regulada e disciplinada e reine a união de pensamentos e sentimentos e trabalhos entre todos os que nella tomam parte.

Todavia, sentimo-Nos possuidos d'um verdadeiro pesar pelo facto d'um dissentimento, que entre elles apparecera, ter suscitado polemicas assaz vivas, que, se não fossem opportunamente reprimidas, poderiam dividir essas forças e enfraquecel as.

Nós, que tinhamos recommendado acima de tudo, antes do congresso, a união e a concordia, afim de estabelecer de commum accordo quanto se refere ás regras praticas da acção catholica, não Nos podemos calar agora.

E já que as divergencias de vistas penetraram tão facilmente na ordem theorica onde tomam successivamente a sua defesa, importa reforçar os principios que devem informar toda a acção catholica.

Leão XIII, de santa memoria, Nosso illustre Predecessor, traçou lucidamente as regras da acção popular christã nas celebres Encyclicas *Quod Apostolici muneris* de 28 de dezembro de 1878, *Rerum novarum* de 15 de maio de 1891 e *Graves de communi* de 18 de janeiro de 1901; e ainda especialmente na Instrução emanada da Sagrada Congregação dos Negocios Ecclesiasticos extraordinarios de 27 de janeiro de 1902.

E Nós que, não menos que o Nosso Predecessor, reconhecemos quanto é necessario que a acção popular christã seja governada e dirigida com rectidão, queremos que estas regras, muito prudentes, sejam exacta e plenamente observadas e que ninguem tenha a temeridade de se afastar d'ellas em qualquer cousa. Por isso, para as tornar mais vivas e mais presentes, tivemos o pensamento de as reunir nos artigos seguintes, resumo tirado d'esses documentos, como organização fundamental da acção popular christã.

Ellas deverão ser para todos os catholicos regra constante do seu proceder.

Organização fundamental da acção popular christã

1.º A sociedade humana, tal qual Deus a estabeleceu, é formada de elementos desiguales, como desiguales são os membros do corpo humano; torna-os todos eguaes é impossivel; resultaria d'isso a propria destruição da sociedade humana (Encycl. «*Quod Apostolici muneris*»).

2.º A egualdade dos diversos membros sociaes consiste sómente no facto de todos os homens terem a sua origem em Deus Creador; foram resgatados por Jesus Christo e devem, segundo a regra exacta de seus meritos ou demeritos, ser julgados por Deus e por Elle recompensados ou punidos. (Encycl. «*Quod Apostolici muneris*».)

3.º D'isto resulta que ó, segundo a ordem de Deus, que na sociedade ha principes e vassallos, patrões e proletarios, ricos e pobres, sabios e ignorantes, nobres e plebeus, os quaes, todos unidos por um laço commum d'amor, se ajudam mutuamente para alcançarem o seu fim ultimo no céo e o seu bem-estar material e moral na terra. (Encycl. «*Quod Apostolici muneris*».)

4.º O homem tem sobre os bens da terra, não sómente o simples uso, como os brutos, mas tambem o direito de propriedade fixa; não sómente a propriedade das cousas que se consomem com o uso, mas tambem das que o uso não consome. (Encycl. «*Rerum novarum*».)

5.º A propriedade particular, fructo do trabalho, da industria ou d'outra cedencia ou dadiva, é um indiscutivel direito da natureza que cada um póde, á sua vontade, dispôr d'elle. (Encycl. *Rerum Novarum*.)

6.º Para resolver a desharmonia entre os ricos e os proletarios é preciso que a justiça seja distincta da caridade. Não ha direito de reivindicacão, senão quando a justiça fór lesada. (Encycl. *Rerum Novarum*.)

7.º Para o proletario e para o operario obrigações de justiça são estas: Fornecer por inteiro e fielmente todo o trabalho que contractou livremente e segundo a equidade. Não lesar os bens nem offender as pessoas dos patrões, abster-se d'actos violentos na defeza dos

seus direitos e não a transformar em revoltas, (Encycl. *Rerum Novarum*).

8.º Para os capitalistas e para os patrões as obrigações de justiça são estas: pagar o justo salario aos operarios; não causar prejuizos ás suas justas economias, nem por violencias, nem por fraudes, nem por usuras evidentes ou dissimuladas; dar-lhes liberdade de cumprir os seus deveres religiosos; não os expôr ás seduccões corruptoras e aos perigos do escandalo; não os desviar do espirito de familia e do amor da economia; não lhes impôr trabalhos desproporcionados ás suas forças ou pouco convenientes em relação com a sua idade ou sexo. (Encycl. *Rerum Novarum*).

9.º Para os ricos e para os que possuem é obrigação de caridade socorrer os pobres e indigentes, segundo o preceito evangelico.

Este preceito obriga tão gravemente que, d'elle serão exigidas contas, d'uma maneira especial, no dia de juizo, como disse o proprio Jesus Christo. (Math. XXV—Encycl. *Rerum Novarum*.)

10.º Os pobres, por consequencia, não se devem envergonhar da sua indigencia, nem desprezar a caridade dos ricos, considerando sobretudo Jesus-Redemptor que, nodendo nascer entre as riquezas, se fez pobre para enobrecer a pobreza e enriquecer de meritos incomparaveis para o céo. (Encycl. *Rerum Novarum*.)

11.º Para a soluçãõ da questãõ operaria muito podem contribuir os capitalistas e os operarios com instituções destinadas a socorrer as necessidades e approximar e reunir as duas classes. Taes as sociedades de socorros mutuos e de seguros particulares, os patronatos para creanças e sobretudo as corporações d'artes e officios. (Encycl. *Rerum Novarum*).

12.º Para este fim é dirigida especialmente a acção popular christã com as suas numerosas e diversas obras.

Esta democracia christã deve, por consequencia, ser comprehendida no sentido já referido, com auctoridade, a qual, mui diversa da *Democracia social*, tem por base os principios da fé e da moral catholica, e sobretudo o principio de não prejudicar de maneira alguma o direito inviolavel da propriedade particular. (Encycl. *Graves de communi*.)

13.º Além d'isso, na Democracia Christã não deve jámais intermetter-se na politica nem servir os partidos e os fins politicos; não é este o seu papel; ella deve ser, porém, uma benefica acção em favor do povo, fundada sobre os preceitos do Evangelho. (Encycl. *Graves de communi*. Instrução da S. C. dos N. extraordinarios).

Os democratistas christãos em Italia devem abster-se absolutamente de tomar parte em qualquer acção politica que, nas circumstancias presentes, em virtude d'ordem superior, é prohibida a todo o catholico (Inst. cit.).

14.º Em cumprimento da sua missão, a Democracia Christã tem obrigação estricta de depender da auctoridade ecclesiastica, prestando aos Bispos e seus representantes plena submissãõ e plena obediencia. Não é zelo meritorio, nem piedade sincera, emprehender as mais bellas cousas, boas em si, quando não forem approvadas pelo legitimo Pastor.

15.º Para que esta acção democratica tenha unidade de direcção em Italia, deverá ser dirigida pela Obra dos Congressos e das commissões catholicas, cujos longos e louvaveis trabalhos tanto tem merecido da Santa Egreja e á qual Pio IX e Leão XIII, de santa memoria, confiaram a missão de dirigir o movimento catholico geral, sempre sob os auspicios e a auctoridade dos Bispos.

16.º Os escriptores catholicos, em tudo que diz respeito aos interesses religiosos e acção da Egreja na sociedade, devem submeter-se plenamente, de intelligencia e de vontade, como todos os outros fieis, aos Bispos e ao Pontifice romano.

Devem acautelar-se principalmente, sobre assumptos graves, de se adeantarem aos juizos da Sé apostolica. (Inst. cit.).

17.º Os escriptores democratico-christãos como todos os escriptores catholicos, devem submeter á censura preventiva do Ordinario todos os escriptos que digam respeito á religião, moral christã e technica natural, em virtude da constituçãõ *Officiorum et munerum* (art. 41) Segundo a mesma constituçãõ (art. 42) os ecclesiasticos que publicam escriptos de caracter simplesmente technico devem primeiro obter o consentimento do Ordinario. (Instruções citadas).

18.º Devem, além d'isso, empregar todos os esforços e fazer todos os sacrificios para que a concordia e a caridade reinem entre elles, fazendo desaparecer a injuria ou censura. Caso se dê divergencia de opinãõ, antes de publicar qualquer cousa nos jornaes, deverse-hão dirigir á auctoridade ecclesiastica, que julgará segundo a justiça. Se esta auctoridade os reprehender, teem de obedecer promptamente, sem tergiversar, sem queixas publicas, ficando ab-rto o recurso á auctoridade superior segundo as regras e condições requeridas. (Instruc. cit.).

19.º Finalmente, os escriptores catholicos defendendo a causa dos proletarios e dos pobres, devem abster-se d'uma linguagem que poderia inspirar ao povo a aversão pelas classes superiores da sociedade. Não se fale pois de reivindicacão e de justiça, quando se trate de simples caridade, como acima se explicou. Recordem que Jesus Christo quiz reunir todos os homens pelo laço do amor reciproco. (Instruc. cit.).

De nosso *motu proprio* e sciencia certa, com a Nossa auctoridade apostolica, renovamos estas regras fundamentaes com todas as suas circumstancias, e prescrevemos que ellas sejam transmittidas a todas as commissões, círculos, uniões catholicas de toda a natureza e forma. Essas sociedades deverão conservar-as affixadas nos seus logares de reunião e reler as muitas vezes nas suas sessões.

Ordenados tambem aos jornaes catholicos que as publiquem integralmente e procurem observar-as religiosamente. Se não o fizerem, serão seriamente avisados e se depois de avisados não se corrigirem, serão interdictos pela auctoridade ecclesiastica.

E, já que as palavras e os actos de nada valem se não fôrem constantemente precedidos, acompanhados e seguidos de exemplo, a caracteristica necessaria que deve brilhar em todos os membros d'uma obra catholica é a manifestação aberta da fé com a santidade devida, com a pureza de costumes e com a escrupulosa observancia das leis de Deus e da Igreja. E isto por que é o dever de todo o christão e porque. *Qui ex adverso est veretur, nihil habens malum dicere de nobis.* (Tit II. 8)

D'estas Nossas recommendações pelo bem commum da acção catholica, especialmente em Italia, esperamos, com a benção divina, frutos abundantes e felizes

Dado em Roma, junto de S Pedro, a 18 de dezembro de 1903, primeiro anno de Nosso Pontificado.

Pio, Papa X.

CARTA PASTORAL DE S. EX.^a REV.^{ma} O SNR. BISPO DO PORTO

D. ANTONIO José de Souza Barroso, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica Bispo do Porto, Prelado assistente ao Solio Pontificio, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, Gra-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, etc.

Ao Rev.^{mo} Cabido, Revs. Parochos, Clero e mais fieis da Nossu Diocese, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo, Nosso Senhor e Salvador

O fim da Igreja instituida por N. S. Jesus-Christo, a sua missão individual e social exercida atravez dos seculos, toda a sua actividade e todo o seu trabalho colossal, tudo, emfim, o que Ella é ou quer—tudo se pôde resumir nas seguintes palavras de S. Paulo: *praticando a verdade na caridade, façamos progressos, crescamos em todas as coisas n' Aquelle que é nosso chefe, nosso mestre—Jesus Christo.* (1)

Conhecer e abraçar a verdade que a todos é proposta pela auctoridade doutrinal da Igreja; cumprir e observar religiosamente as leis e os preceitos que a mesma Igreja impõe aos seus filhos, por força da sua auctoridade legislativa, eis os dois meios para fazermos progressos no caminho do bem e para crescermos na graça d' Aquelle que fundou a Igreja e que d' agora em diante é o chefe invisivel.

Não é agora nosso intento fallar da auctoridade doutrinal da Igreja, nem dissertar ácerca do seu poder legislativo para em seguida indicar os preceitos ou leis que nos levam aos fins propostos por S. Paulo, mas queremos sómente fazer algumas breves considerações sobre os preceitos da abstinencia e do jejum, que estão muito esquecidos nos tempos actuaes, e que todavia muito concorrem para que façamos progressos e crescamos na graça e caridade de J. Christo.

*
*
*

A abstinencia e o jejum são dois preceitos distinctos.

Pelo primeiro devem todos os fieis, logo que cheguem ao uso da razão, privar-se da alimentação de carnes em certos dias determinados pela Igreja; em virtude do jejum ecclesiastico os fieis que completaram 21 annos até aos 60 estão obrigados a privar-se de certa qualidade e quan-

(1) Ad Eph. IV, 15.

tidade d'alimentos em dias determinados pela Igreja. D'este modo a essencia do primeiro preceito está na privação de carnes, ao passo que a do segundo está n'uma unica refeição principal durante o dia, admittindo-se, comtudo, por indulgencia da Igreja e por costume legitimo, a parva e a consoada, devendo tambem attender-se, n'estas refeições, á qualidade dos alimentos.

O preceito da abstinencia obriga todos os fieis desde que chegam ao uso da razão, geralmente aos 7 annos, e até ao fim da vida, a não ser que a doença, a necessidade ou outra causa legitima dispensem o seu cumprimento; o do jejum é obrigatorio desde os 21 annos completos até aos 60, a não ser que a *piiedade*, a impossibilidade, ou a dispensa isentem o fi l d'esta obrigação. Estes dois preceitos, já praticados na Lei do antigo Testamento, inculcados com o exemplo de Jesus Christo, praticados e preceituados desde os tempos Apostolicos, foram sempre considerados pelos diferentes legisladores «não só como meios de civilisar e de amansar os costumes, mas tambem como práticas ou ritos religiosos.» (2) e obrigam sob pena de peccado grave.

*
*
*

Se percorrermos as paginas da antiga Lei, ahi encontraremos innumeradas passagens referentes a estes preceitos.

Umaz referem o jejum annual da expiação dos peccados que era rigorosamente observado e outras os jejuns preceituados por occasião de grandes males; umas vezes são suffragados os mortos com esta especie de mortificação, outras jejuavam os judeus para conseguir de Deus o perdão dos seus crimes de idolatria ou ainda para se preparar a fallar com Deus, como aconteceu a Moysés no monte Sinai. (3)

*
*
*

S. João Baptista, em cumprimento das profecias do antigo Testamento, préga no deserto da Judêa e diz: *Fazei penitencia, porque está proximo o reino dos Ceus.*

E Jesus Christo, antes de começar a sua vida publica, retirou se para o deserto, onde se prepara para a grandiosa missão. Ahi, pelo jejum de quarenta dias e quarenta noites, se preparou para apparecer entre o povo que estava sentado nas trevas. (4)

No sermão do monte prescreve aos que o escutavam o modo de jejuar e diz-lhes assim:

«Quando jejuais, não vos torneis tristes como os hypocritas, porque elles desfiguram os seus rostos para fazer ver aos homens que jejuam. Na verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas tu quando jejuas unge a tua cabeça e lava o teu rosto, afim de que não pareças aos homens que jejuas, mas sómente a teu Pae que está presente a tudo o que ha de mais secreto e teu Pae, que vê tudo o que se passa em segredo, te dará a recompensa.» (5)

D'este preceito nos falla ainda S. Lucas e S. Paulo quando recommenda aos fieis de Corinto que *não despresem o tempo acceitavel*, o tempo da graça ou quando os pre-mune dos falsos profetas. (6)

Documentos dos primeiros seculos da Igreja nos fallam de diferentes dias ou estações em que os fieis jejuavam e o concilio de Nicêa em 325 já menciona a quadragesima ou o jejum que precede a festa da Paschoa.

(Conclue).

(1) Debreyne, Theol. moral.

(2) Exodo XXXIV, 28.

(3) S. Mat. IV.

(4) XXVII.

(5) Cor. VI e XI.



LYRA CHRISTÃ

Mater intemerata

Gyra em seu curso o sol resplandecente;
Os rutilantes astros docemente
Brilham na cerula amplidão dos ceos:
São esplendidas joias preciosas,
Que as bases formam puras, grandiosas,
Do throno immenso do infinito Deus.

O magestoso solio afformoseiam
Hostes de anjos e santos que o rodeiam,
Vivos brandões de fulgurante luz;
Mas ha no ceo mais alta creatura,
Perola de mais preço e formosura,
Tocha que mais se eleva e mais reluz;

Antes a mais magnificente gemma
Que adorna o glorioso diadema
Do omnipotente e excelso Creator;
Incomparavel, celestial portento,
Obra prima do eterno Pensamento:
Maria, da criação suprema flôr.

A Mente soberana, que não erra,
Destinou-a *ab æterno* a erguer a terra
Do tenebroso cahos das paixões;
E, exemptando-a da culpa a nós legada,
Purissima e formosa, immaculada,
Cumulo sem igual de perfeições.

A creadora Mão pôl-a no mundo
Para nos inspirar o amor profundo
Que ao commum Pae devemos tributar:
E, ante graças tão raras extasiados,
Os rendidos mortaes foram levados,
Amando-a, o seu divino Auctor a amar.

Do seu rico thesouro as aureas chaves,
Cede a seus rogos ternos e suaves,
Para os homens na terra enriquecer;
E eis porque universal, perenne côro
De ardentes preces, supplicante choro,
Sóbe a seus pés por seu auxilio obter.

Coisas grandes o Altissimo obrou n'Ella,
Não só creando-a poderosa e bella,
Amavel, veneranda, sem labeo,
Mas tornando-a bemdita entre as mulheres,
Superior aos mais sublimes seres,
Pois a elegeu por Mãe do Filho seu.

Na humana salvação cooperadora,
A clemente e purissima Senhora
Dos homens amostrou ser terna Mãe:
Titulo que da Cruz foi confirmado
De Jesus pela bôcca, e foi sellado
Com seu sangue santissimo tambem.

Gloria pois á Rainha das creaturas,
Gloria infinda na terra e nas alturas
A' candida Açucena de Israel!
Nossa vida e doçura, nossa esp'rança,
A invoquemos com plena confiança,
Com amor ardentissimo e fiel.

Lisboa — 1903.

A. Moreira Bello.

NOTAS SOCIAES

Socialismo e anti-clericalismo

(de Max Turman)

(CONTINUAÇÃO)

São decisivos os discursos pronunciados a este respeito n'uma série de discussões. Accrescentarei apenas uma cousa, escreve ao terminar G. von Vollmar: em toda a nossa acção parlamentar, quer no Reichstag, quer no Landtag, estivemos sempre de accordo para protestar, quando queriam abusivamente invocar a religião para designios de dominação temporal, — sempre unidos para combater toda a influencia da Igreja sobre as funções do Estado, maximé sobre a escola. Por outro lado fomos sempre unanimes em conceder ás Igrejas e ás comunidades religiosas plena liberdade em todos os seus negocios privados. Quando, *na epocha do Kulturkampf*, o Estado tentou intrrometer-se n'estas ultimas e fez leis de excepção contra os jesuitas e outras congregações, nós pronunciamos-nos abertamente contra estas medidas, reclamando para todos o direito commum e a liberdade de opinião.»

Eis aqui a pura realidade.

Mas, dir-se ha, é um moderado—um moderado relativo—que falla.

O radical Kantsky não é menos cathogorico.

Apenas é mais diffuso: foram-lhe mister duzias de paginas para expôr o seu pensamento. E isto abriulhe, aliás, o ensejo de estudar detidamente, e a titulo de digressão, a postura que aos socialistas conviria tomar n'um conflicto entre o Estado e a Igreja.

Não seguiremos Karl Kantsky nas suas interminaveis considerações historicas sobre o catholicismo: superfluo é dizer que não podemos acceitar a maioria das asserções do publicola marxista. Demais d'isso, as suas opiniões sobre o papel da Igreja no passado só nos interessam mediocrementemente. Outro tanto não passa, pelas suas declarações, no que respeita ao anti-clericalismo. Ha ahi reparos e affirmações que seria bom oppôr ao sectarismo dos socialistas francezes. Vamos, pois, reproduzir algumas d'essas observações.

Primeiro de tudo, Karl Kantsky entende que os trabalhadores têm mais que fazer, do que unirem-se aos «burguezes» nas suas perseguições á Igreja,

«Envolver o proletariado, diz elle, ao lado da burguezia em um novo *Kulturkampf*, é desviar o impulso revolucionario do operariado, é dissipar sem proveito a sua força revolucionaria. E' apresentar-lhe uma pendencia entre a burguezia e a Igreja como um grande expediente destinado a salvar o mundo, é *concentrar todo o seu rigor n'uma obra de que nada pôde surdir, e que nada pôde dar*. A burguezia é, de facto, impotente para dirigir victoriosamente a lucta contra a Igreja; força conservadora, é incapaz d'um acto revolucionario, que não pôde realisar com exito como força revolucionaria.»

No fim da sua resposta, o mais interessante certamente, examina o director da *Neue Zeit* quaes devam ser as relações entre o proletariado e a Igreja.

Demonstra que a Igreja satisfaz ainda uma necessidade assás geral e, sob uma outra forma, expõe algumas das idéas que já notámos em G. von Völlmar. «A religião, que a Igreja ensina, observa elle, corresponde ainda hoje ás necessidades imperiosas de consideraveis multidões. Como classe inferior ⁽¹⁾, cuja liberdade de opiniões e de consciencia é estrangulada pelas outras classes, deve pronunciar-se o operariado pela liberdade religiosa illimitada e deixar a cada um cuidar da sua salvação como lhe aprouver». Mas, «permanecendo totalmente n'essa neutralidade para com a Igreja», a democracia socialista deve reclamar a separação da Igreja e do Estado: «Ella exige que o padre seja considerado um simples particular e a Igreja uma associação ordinaria; a burguezia quer incorporar a Igreja ao Estado, a democracia socialista quer separar a Igreja do Estado.»

1 Todavia o socialista d'além-Rheno pronuncia-se pela liberdade em prol das congregações religiosas. Entende que essa attitude é «mais conforme aos principios», e, por outro lado, não é menos temível, pelas consequências que pôde ter para o partido socialista d'um paiz, uma collaboração com um governo perseguidor. (Conclue)

BIBLIOGRAPHIA

O Livro dos Terceiros Franciscanos

Temos deante de nós este preciosissimo livro ultimamente publicado pela benemerita redacção da importante revista mensal «*Voz de S. Antonio*».

Este livro veio indubitavelmente prehencher uma lacuna que de ha muito se fazia sentir no assumpto sobre que versa, e prehenche-a d'um modo primoroso, porque á belleza e importancia do seu texto allia uma parte material formosissima, profusamente illustrada, uma joia litteraria emfim.

E' esta, pois, a obra mais completa que na nossa lingua ha sobre o assumpto, e tem ella por fim, como synthetisa o prefacio, «fazer incutir ao filho terceiro de S. Francisco o espirito que animava este santo na fundação d'esta Ordem: um religioso franciscano no meio do mundo.»

Com este intuito, explana se o livro por «treze praticas sobre as obrigações e espirito da sua regra,» fazendo-se preceder d'uma erudita introdução, onde n'uma rapida mas criteriosa revista critica, toda baseada nos ensinamentos da mystica, histeria as ordens terceiras em Portugal e a Ordem terceira em geral, sua organização disciplinar

e influencia social. Segue-se-lhe depois a regra da ordem terceira secular de S. Francisco.

Para se avaliarem bem as suas interessantes paginas, e ainda para se tornarem assaz conhecidas as excellencias e glorias da Ordem Terceira Franciscana, transcrevemos com a devida venia o trecho seguinte, que os nossos leitores decerto muito apreciarão.

«Francisco tornou-se atravez dos seculos um iman poderoso. As suas tres ordens foram um viveiro de Santos, de sabios, de artistas, de talentos nas sciencias e nas artes.

A primeira Ordem deu á Igreja 135 santos e beatos. A segunda Ordem 23 e a terceira 85, não entrando em conta 92 veneraveis, 6:000 fallecidos com fama de santidade e de prodigiosa vida. Muitos d'estes têm culto popular na Igreja Catholica e a sympathia especial dos christãos. Quem não conhece S. Antonio de Lisboa, S. Roque, S. Ivo, S. Boaventura, S. Francisco Solano, S. Leonardo de Porto Mauricio e tantos outros? D'esta Phalange Seraphica sahiram muitos fundadores de ordens e congregações religiosas. A partir do seculo XIII quasi todas têm por fundador um filho de S. Francisco. Taes foram por exemplo:

A Companhia de Jesus fundada pelo celeberrimo terceiro S. Ignacio de Loyola. O terceiro S. Philippe Nery fundou o Oratorio. S. Francisco de Paula fundador dos Minimios, S. Caetano dos Theatinos, S. Vicente de Paulo, dos Lazaristas e das Irmãs de Caridade, S. Francisco de Sales da Visitação, S. Paulo da Cruz dos Passionistas, Dom Bosco dos Salesianos. Todos estes fôram terceiros de S. Francisco.

Envergaram ainda o habito da Terceira Ordem e cingiram-se com o cordão de S. Francisco a Bemaventurada de La Salle, fundadora dos Irmãos das Escolas Christãs; S. Angela de Merici, das Ursulinas; S. Brigida, da Congregação do Redemptor; S. Carlos Borromeu, dos Oblatos, e o Veneravel Cottolengo, fundador dos Irmãos de S. Vicente, que fez pasmar o mundo com a celeberrima *Casa della Divina Providenza*. São ainda filhos da Ordem Terceira: S. João Colombino, S. Joanna de Chantal, S. Joanna de Valois, a Beata Beatriz da Silva, a Veneravel Maria d'Agreda e muitas outras beatas e veneraveis fundadores de institutos e familias religiosas.

Os papas, os imperadores e os reis, os litteratos, sabios, artistas e guerreiros não se envergonharam das libréis franciscanas.

Gregorio IX, Innocencio XIII, Martinho IV, Gregorio X, Bento XIII, Clemente XII, Julio II, Leão X, Paulo V, Pio IV, o Santo Pio IX e o immortal Leão XIII, foram terceiros de S. Francisco.

Mais de 384 imperadores, reis, rainhas e princezas chamaram a Francisco pelo terno nome de Pae. Basta-nos o nome de M. Paléologo, Imperador do Oriente, Rodolpho de Asburgo, Imperador da Allemanha; Carlos V, sua mulher e filhos; Filippe II, rei de Hespanha; Agelon, rei da Polonia e muitos principes da sua familia; o rei João d'Aragão; Santa Izabel de Hungria; Santa Izabel de Portugal; Santa Joanna de Valois; S. Luiz rei de França e seu pae Luiz VIII, sua mãe, e Filippe, seu filho mais velho; o Beato Casimiro rei da Polonia, Henrique V de França e o nosso D. Pedro, Imperador do Brazil.

O numero dos patriarchas, cardeaes, arcebispos e bispos que entraram na Ordem Terceira de S. Francisco, é incalculavel. Entre os modernos citemos apenas Caetano Alimonda, o primeiro orador do seu seculo como lhe chamou Cesar Cantú, Luciano Bonaparte, Henrique e Eduardo Maming, Luiz Orelia; João Simeon, Luiz, Marquez de Canossa, Lucio, Parochi, Domingos Agustini, Raphael Monaco Lavaletta,

(1) Para facil intelligencia do argumento de Karl Kautsky, é mister não perder de vista que a politica de classe domina e inspira toda a politica dos socialistas marxistas.



As duas amigas

Os talentos mais arrojados nas letras, sciencias e artes engrandeceram a Ordem Terceira. Com a inspiração da lyra ennobreceram-na: Dante, Camões, Petrarca, Tasso, Lope de Vega e Calderon. Com os arroubos da harmonia: Palestrina, Paiziello e Charles Gounod. Com o cinzel divinizador, e com os traços magicos do pincel: Miguel Angelo, Raphael, Dupré, Cimabué, Giotto e Leonardo de Vinci. Com o seu genio guerreiro e sacrificio christão honraram-na: Thomaz Morus, Christovam Colombo, Vasco da Gama, Joanna d'Arc, Garcia Moreno, o general Primodan, Brachio Fortebrachio. Com as modernas invenções das sciencias naturaes: Galileu, Galvani, Volta e Boccacio. Com a unção, piedade christã e sciencias theologicas: o veneravel Vianey, cura d'Ars; Mr. Segure os já citados cardeaes Maning e Alimonda. Com o seu zelo apostolico, decoram-na em todo o mundo o sangue e a virtude de milhares de martyres e confesores de todas as ordens. São celebres entre todos os nomes de Francisco Solano, apostolo da America; de Fr. João de Montecurvino, primeiro missionario da China e primeiro arcebispo de Pekin; do P. João Zamarraga, primeiro arcebispo do Mexico; do Beato Odorico de Pordenon, o mais celebre viajador da antiguidade que percorreu a China, a Persia, a America e o Japão, laureado pelo Congresso Geographico Italiano de 1881, que lhe erigiu um monumento; do Beato Thiago de Trepa, apostolo da Russia; do P. João Perez, amigo de Christovão Colombo, que o animou e acompanhou na viagem da America onde celebrou a primeira missa.

Sob o pontificado de Innocencio IV os missionarios franciscanos penetraram em todas as regiões do Oriente, operando prodigios de valor na Ethiopia, India e Tartaria. No pontificado de Alexandre IV, mais de 23 nações orientaes, como se lê na Bulla «Cum hora», admiraram o zelo heroico dos franciscanos que as missionaram. Na Bulla «Cum hora undecima» Clemente V diz-nos que os filhos de Francisco foram enviados a 18 nações de infieis. Descobertas as Indias pelos nossos navegadores portuguezes, o nosso D. João II envia os franciscanos para as evangelisar. Os primeiros grãos da semente evangelica foram lançados no Brazil por Fr. Henrique e mais sete franciscanos portuguezes que tiveram a honra de celebrar a primeira missa na Terra de Vera Cruz.

O numero dos missionarios franciscanos, celebres pelo seu zelo nas regiões infieis, é incalculavel. A estatistica publicaca pela Obra da Propagação da Fé em 1885 numerava 3:500 missionarios franciscanos, o maior numero conhecido n'aquelle anno.

As piedosas confrarias, praticas e instituições piedosas; as associações catholico sociaes, são os caracteres do progresso religioso da sociedade christã, e nas propagações d'este genero, têm os filhos de Francisco uma parte principalissima. A partir do seculo XIII as principaes festas da liturgia christã foram introduzidas pelos franciscanos.

Bastava o dogma da Immaculada Conceição, a que um auctor chamou *dogma franciscano*, defendido na academia, na polemica, no pulpito, e na imprensa por mais de doze mil escriptores franciscanos, e a festa em honra d'este dogma, mandada celebrar na Ordem Franciscana por S. Boaventura, em 1263, e só mais tarde estendida a toda a Igreja por Xisto IV.

A devoção e festa do Santissimo nome de Jesus, a festa da Transfiguração, da SS. Trindade, da Visitação, dos Desposorios de Nossa Senhora, de S. Anna, S. Joaquim e S. José, são de instituição franciscana.

As praticas religiosas e piedosas confrarias fundadas pelos nossos irmãos, quem poderá enumerar-as?

A tão celebre pratica do *Mez de Maria* é obra do terceiro S. Philippe Neri. A recitação do *Angelus Domini* de

madrugada, ao meio d'a, e á noite, ao toque do sino, é de S. Boaventura. A piedosissima devoção da *Via-Sacra*, tão conhecida no mundo catholico, foi instituida e propagada pelos filhos de Francisco. A exposição das Quarenta-horas em memoria do tempo que Jesus esteve no sepulcro foi iniciada pelo Capuchinho Fr. José de Fermo. A visita ao SS. Sacramento na quinta feira gorda, e a exposição e visita do Santissimo nos tres dias de carnaval tiveram por auctora a franciscana S. Jacintha de Mariscotti. A exposição quotidiana do SS. Sacramento foi começada por S. Leonardo de Porto Mauricio. As procissões do SS. Sacramento tiveram origem com o famoso milagre da mula, operado por S. Antonio de Lisboa; foi esta a primeira procissão n'este genero.

O devoto capuchinho Caetano de Bergamo deu a norma para a Hora-Santa. Dois terceiros francezes começaram e propagaram a *Adoração perpetua* ao SS. Sacramento. Foram ainda os terceiros de S. Francisco que introduziram na Igreja a *Guarda de Honra a Jesus Sacramentado* e a *Communhão Reparadora* que tanto agrado tem achado nas almas devotas.

As confrarias religiosas de origem franciscana não são menos numerosas. Citaremos apenas a *Confraria do SS. Sacramento* organisada pelo Beato Cherubim de Spoleto, tão espalhada por todo o orbe.

Que diremos dos hymnos liturgicos e orações piedosas devidas á penna e piedade franciscana? Ennumeremos as principaes: a *Corôa Seraphica do Nome de Maria*, por S. Boaventura; a pequena *Corôa da Immaculada Conceição* por um piedoso Capuchinho; a *Corôa de S. Philippe Neri* em honra da pureza de Maria; a *Corôa Seraphica dos sete gozos de Maria Santissima*, revelada pela mesma Senhora a um noviço franciscano; a *Corôa de Misericordia* pelo terceiro Pio IX, a *Coroinha da morte* pela Veneravel Terceira Cornelia Sampugnani.

O Beato João de Parma compoz o officio de Nossa Senhora chamado da *Benedicta*; o poeta franciscano B. Thomaz de Selano escreveu o *Dies Irae*; o *Stabat Mater* é inspiração do celebre poeta B. Jacoponi de Todi, filho da primeira ordem. A ladainha do Sagrado Coração de Jesus foi composta pelo Veneravel Eu-les, Terceiro; a oração *Sub Tuum praesidium* é de S. Bernardino de Senna, Frade Menor; a oração *Alma de Christo santificae-me* é do B. Bernardino de Felto, franciscano; o P. José de Fermo escreveu a oração *O Sacrum Convivium*; o final da Ave Maria: «*Agora e na Hora da nossa morte*» foi acrescentado pelos franciscanos; a antiphona *Sacrosantae* que se resa no fim do officio é devida á penna do Seraphico Doutor S. Boaventura. São ainda de instituição franciscana: a antiphona de Nossa Senhora no fim de Completas, o officio da Paixão, a Ordem do Memento, porque se pede ordenadamente por todos os vivos e defuntos, bem como a antifona *Stella caeli*. A piedosissima oração: *Omnium pulchritudine* e as lições do Breviario em que ella vem é de S. Boaventura como póde vêr-se em suas obras mysticas. A invocação *Dignare me Laudare te, Virgo Sacrata, da mihi virtutem contra hostes tuos*, foi um tratado do Veneravel Scoto quando ia defender o dogma da Immaculada Conceição. A saudação christã «*Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo*», foi espalhada pelo Papa franciscano Xisto V.

Paremos na catalogação das nossas glorias. Para fazermos ideia da nobreza da familia a que pertencemos bastam os que enumeramos. Nenhuma familia religiosa talvez eguale a nossa, em numerosidade de santos, de sabios e artistas em todo o ramo do saber humano, e sobretudo nenhuma a sobrepujará no derramamento do genuino espirito do evangelho sobre a humanidade.»

DE TUDO UM POUCO

As igrejas ao fim da tarde

Costumava visitar S. Sulpício, n'essas horas em que, á mortifica claridade das alampadas, os pilares se desdobram e estendem pelo chão longos pannos de noite. As capellas, que ficavam abertas, estavam negras então, e deante do altar-mór, na nave, um unico bouquet de lumes desabrochava para o ar, nas trevas, semelhante a um tufo luminoso de rosas vermelhas.

Unvia-se apenas, no silencio, o ruido surdo d'uma porta, o ranger d'uma cadeira, o passo leve e curto d'uma mulher, e o andar acelerado d'um homem. Durtal estava quasi só na obscura capella que tinha escolhido; e assim punha-se mui longe de tudo, mui longe d'esta cidade, que pulsava alli, a dois passos d'elle.

E pensava então na sorte d'essas mulheres esparsas á sua volta, aqui e acolá, pelas cadeiras. Algumas, de lucto, gemiam, inconsoladas ainda; outras, acobrunhadas, dobravam as costas e pendiam para um lado o pescoço; outras ainda, resavam, com os hombros a tremer, e a cabeça entre as mãos.

A tarefa do dia estava terminada. Os fatigados da vida vinham implorar perdão. Por toda a igreja, a desgraça ajoelhada, porque os ricos, os com saude, os felizes não pedem nada; por toda a igreja, mulheres viúvas ou velhas, sem affeição alguma ou mulheres abandonadas ou torturadas na sua vida domestica, pedindo que a existencia lhes seja mais clemente, que os desvarios de seus maridos se acalmem, que os vicios de seus filhos se emendem, que a saude dos seres amados se affirme.

Era uma verdadeira gavella de dores cujo lamentavel perfume incensava a Virgem.

Poucos homens vinham a este logar escondido de dores, e muito menos mancebos, porque estes ainda não soffreram assaz; sómente alguns velhos, alguns enfermos que se arrastavam, apoiando-se sobre as costas das cadeiras, e um pequeno gibboso que Durtal via chegar todas as tardes, um desherdado que não podia ser amado senão por Aquelle que não vê as formas dos corpos.

E uma ardente piedade erguia Durtal á vista d'estes infortunados que vinham reclamar ao Céu um pouco d'esse amor que lhes recusavam os homens: elle que não podia pedir para si, acabava por juntar-se ás suas exorações, por pedir por elles!

J. K. Huysmans (*A Caminho*).

Calendario :

Fevereiro

1

1904

Em 1605 retomam os portuguezes aos holandezes a fortaleza de Tidore, na India.

Como os holandezes foram os competidores e os herdeiros do nosso imperio ultramarino, diremos duas palavras sobre a sua expansão colonial no Oriente.

Apoz o tractado de Westphalia em que a Hespanha reconheceu a independencia dos Paizes Baixos, começaram os holandezes a adquirir uma immensa importancia colonial.

Os seus navegadores havia muito que vinham buscar a Portugal os productos da India; mas, quando em 1580 Portugal cahiu em poder da Hespanha, o rei Philippe II fechou os nossos portos ao commercio hollandez, que se viu assim obrigado a arrojarse ás viagens aventurezas.

Em fins do seculo XVI appareciam os holandezes nas Indias, e nos começos do seculo immediato estabeleciam-se nas Molucas. Levados pelo lucro, constituiram uma

forte companhia com o nome de companhia das Indias Orientaes, a qual fundou dentro em pouco Batavia, e' aproveitando o abandono que a Hespanha votava ás nossas colonias, foram-se apoderando pouco a pouco do commercio oriental.

Não obstante, Macau repelliu-os briosamente, Malaca do mesmo modo, e Ceylão só cahiu em seu poder depois d'uma espantosa e memoravel defeza.

Em Moçambique não conseguiram fixar-se, mas das Molucas expulsaram-nos por completo, e na costa do Malabar encurralaram-nos em Gôa.

A prosperidade e grandeza da companhia das Indias Orientaes incitou a que se creasse uma outra com fins identicos, a companhia das Indias Occidentaes, que dirigiu as suas miras para a America, tomando logo a primeira esquadra, que ella para ahi mandou, a cidade da Bahia, no Brazil. Não tardou que os portuguezes as reconquistassem, mas elles voltaram de novo á costa americana, tomando Pernambuco e grande parte das provincias do norte do Brazil.

Guerreavam-nos elles, não como nossos inimigos, mas por andarem em guerra com a Hespanha, e assim parecia justo que depois da nossa independencia nos restituissem as terras tomadas, já que, demais a mais, na Europa eramos seus aliados contra a Hespanha.

Não estiveram, porém, por esses ajustes, e continuaram a conquistar-nos as nossas praças da India e Brazil, de modo que nos vimos obrigados a empenhar todas as nossas forças para os desalojarmos d'onde se tinham estabelecido.

Apoz a insurreição de Pernambuco, os holandezes eram enfim expulsos do Brazil e em seguida de Angola, mas ficaram senhores de S. Jorge da Mina e de quasi toda a India portugueza, quando D. João IV restabeleceu a paz entre as duas nações.

Foi essa a epocha aurea da marinha hollandeza, assignalada pelos seus dois celebres almirantes, Ruyter e Tromps.

Curiosidades :

A Igreja serve-se regularmente apenas de cinco côres: *branco, vermelho, verde, roxo e preto*.

O *branco*, a côr mais delicada, é o symbolo de uma pureza completa do corpo e da alma; consagra-se ás virgens e aos confessores.

Emprega-se o *vermelho*, em memoria dos apóstolos e dos martyres, por ser a côr do sangue que elles derramaram para sustentação da fé.

O *verde* serve nos domingos ordinarios, etc., designa os esforços da Igreja para fortalecer as nossas esperanças nas travessias da vida.

O *roxo* é consagrado aos tempos de penitencia e de afflicções, como o advento, a quaresma, as temporas, as vigílias, etc.

Finalmente o *preto* serve nos funeraes e nas cerimoniaes mortuarias, e exprime o lucto e a tristeza.

Notas de sciencia :

Participam de Nova-York ao *Morning Post* que o dr. W. J. Morton obteve resultados notaveis no tratamento do cancro pelo radium, o celeberrimo mineral ultimamente isolado.

O tratamento adoptado pelo dr. Morton consiste em administrar ao doente uma solução de sulphato de quinino e em conservar depois perto do corpo uma quantidade de radium.

A solução de sulphato de quinino torna-se por este modo fluorescente, e este processo destrõe o germen da doença. O dr. Morton obteve tres curas completas.

Communicando o seu processo á imprensa, o dr. Morton pede aos seus collegas que o applicuem para verificação se a efficacia é tão real como elle crê.

Pensamentos :

Orar a Deus é uma necessidade do homem, é o primeiro dever do homem, é toda a condição do homem e, no dizer do Espirito Santo, é o homem todo.—*Massillon*.

Aos justos que conversam com Deus nada lhes faz mal, e até os males se lhes tornam em bens.—*D. Frei Amador Arraes*.

A oração é uma tal mina da vida eterna que se pôde extrahir d'ella o oiro de todas as virtudes.—*S. Pedro d'Alcantara*.

Para receber grandes graças de Nosso Senhor a porta é a oração: fechada ella, não sei por onde as dará.—*Santa Thereza de Jesus*.

Não espereis nunca fazer coisa que valha se não quereis ser homem de oração.—*S. Francisco d'Assis*.

Fazer a santissima vontade de Deus é o que mais importa; porque tudo o mais é caduco e perezoso.—*S. Miguel dos Santos*.

O modo de conservar a paz do coração é não ter vontade propria e trocar a sua com a do Coração divino.—*Beata Margarida Maria*.

Versos escolhidos :

SEQUENTIA...

Prosegue o Tempo, o agitador eterno,
No seu constante e fero labutar:
Prostrou a Honra; hoje ergue um novo altar
Ao deus Milhão, ao Jupiter moderno.

Fez da officina um antro partidario...
E hoje trabalha, obreiro infatigavel,
Em um caixão immenso, inimitavel,
Uma especie d'esquife mortuario.

Pasmam de vel-o a Crença e a Verdade!
E eu perguntei, tremendo d'anciedade,
Ao ver tão grande e pallido ataude:

«Que rei ou que rainha ao abandono
Vae, pois, alli dormir o eterno somno?»
E os cynicos disseram: A Virtude...

Ribeiro de Carvalho.

Humorismos :

No palacio da princeza de Lorena havia frequentemente tertulia composta das pessoas mais distinctas da alta sociedade. Certo dia foi tambem convidado o celebre D'Alembert. Passados poucos momentos gaba-se este publicamente das suas opiniões anti-religiosas, dizendo:

— Eu sou o unico n'este palacio que não creio nem adoro a Deus.

Justamente offendida a princeza pela imprudencia tão descarada do seu hospede, lhe replicou:

— Não, senhor, não é v. o unico n'este palacio que não adora a Deus.

— Então quem é mais, minha senhora?

— São todos os cavallos e mulas, etc., que tenho na cavallariça...

RETROSPECTO DA QUINZENA

Fevereiro é o segundo mez do anno e tem 28 dias. O seu nome deriva de *februare*, purificar, porque n'este mez, que era o decimo segundo do calendario romano de Julio Cesar, se celebravam em Roma, desde o tempo de Numa, cerimoniaes religiosas de expiação, entre outras a *februal*. A *februal* era uma festa publica em honra dos mortos, começando nas idas de fevereiro (13) e durando oito dias. Durante esse praso as familias faziam sacrificios para suffragar os mortos. Os magistrados, como symbolo de lucto, só se apresentavam revestidos da toga de cidadãos, em vez da toga pretexta. Interrompiam-se os sacrificios nos templos, e não se faziam casamentos n'este periodo de oito dias. Era representado este mez sob a figura d'uma mulher vestida de azul, tendo em uma das mãos um pato, com uma urna da qual sahia agua em abundancia, e a seus pés uma garça e um peixe. Estes symbolos significavam a epoca das chuvas.

Damos hoje o retrato do P. Nozaleda, cuja nomeação para Arcebispo de Valencia, tanto ruido causou no reino visinho.



P. NOZALEDA

Novo Arcebispo de Valencia

O Padre Nozaleda foi eleito em 1890 bispo de Manila nas Filipinas. Depois de cedidas estas ilhas aos Estados Unidos, Nozaleda continuou a governar a diocese. Agora o governo hespanhol acaba de o nomear Arcebispo de Valencia.

A imprensa liberal acolheu esta nomeação, levantando uma terrivel campanha contra Nozaleda, accusando-o de traidor por ter fugido durante o assedio de Manila, e mais tarde ter prestado homenagem ao vencedor.

Estas accusações, que tiveram o mais formal dementido, não demoveram o ministerio hespanhol, pre-

sido actualmente por um catholico de acção, o snr. Maura, que manteve a sua primitiva nomeação.

Os seus detractores chegaram a organizar innumerous comicios na propria cidade de Valencia contra a nomeação do novo bispo; houve furiosas interpellações no parlamento, mas o governo continua inflexivel na sua resolução primitiva.

Eis as ultimas informações do «Portomozense» sobre a restauração do bispado de Leiria.

«A comissão de ecclesiasticos d'este concelho que foi a Leiria expressamente tratar do assumpto veio optimamente impressionada com o benevolo acolhimento recebido.

O Ex.^{mo} Governador Civil, que tem sido um acerrimo propugnador dos progressos de todo o districto, prometeu advogar a causa commum junto do governo de que é delegado. Basta tractar-se, disse o snr. dr. José Jardim, d'um melhoramento para Leiria, para tomar todo o interesse pela consecução d'elle.

Egualmente a classe commercial mostrou a melhor boa-vontade e o maior enthusiasmo pelo triumpho da nossa aspiração.

Isto significa que á boa causa nunca faltam dedicações e soldados fieis no seu posto. Mas é necessario fazer uma larga, continuada e methodica propaganda em favor da nossa empreza que é digna do apoio incondicional de todos.»

E' no dia 5 de abril que deve partir para Roma a peregrinação dos medicos catholicos, promovida pelo dr. Boissarie, que ha tantos annos vem consagrando a vida á Virgem de Lourdes e aos que d'ella recebem favores.

A peregrinação projectada não é um congresso scientifico, e ainda menos uma pura peregrinação. O dr. Boissarie desejava de a tornar uma manifestação auctorizada do accordo entre a fé e a sciencia, dirigiu-se para assumir a direcção, á Commissão da Sociedade de S. Lucas, S. Cosme e S. Damião, que existe já em varios paizes, agrupando em torno d'estes santos padroeiros, um grande numero de medicos christãos.

D'esta forma a peregrinação será um meio de propagar e fortificar mais a Associação dos medicos catholicos. Os que não poderem tomar parte devem ao menos mandar a sua adhesão.

O projecto de aproximar da Séde de S. Pedro uma corporação cujos membros têm uma tão elevada missão, é portanto um projecto digno de encomios.

A peregrinação é internacional e qualquer adhesão pôde ser enviada á redacção de *La Croix — Rue Bayard, 5 — Paris.*

Passou no dia 21 do mez de janeiro a data luctuosa do passamento do Eminentissimo Cardeal D. Americo, saudoso bispo d'esta diocese.

Ha precisamente cinco annos que se sumiram nas trevas do tumulo os venerandos restos mortaes de tão preclaro Antistite; mas a memoria das suas egregias virtudes ainda estão bem vividas entre nós, e ficarão para sempre perpetuadas na historia d'este bispado.

A sua grande obra episcopal, principalmente a reorganisação dos seminarios, ahi está a fructificar e a enaltecer a memoria do illustre finado.

Lembre-mos pois sempre d'elle com saudade, recordando o brilho que deu á nossa diocese.

Lembre-mos sempre d'elle principalmente ao pé dos altares, porque se o virtuoso Prelado já gosa da visão beatifica, é no entanto «um salutar e util pensamento orar pelos mortos.»

Andou ultimamente em peregrinação politica pelas terras do norte o snr. João Franco, acompanhado d'alguns asseclas seus.

O fim d'esta era a exhibição do seu elixir politico, fóra do qual não ha, segundo diz s. ex.^a, salvação possivel para esta infeliz nação.

E' por demais sabido que o que o seu programma tem de bom está já consignado no do partido nacionalista, como tambem é notado o seu mutismo sobre a questão religiosa, o que é algo compromettedor.

Sempre seria bom que s. ex.^a dissesse o que pensa d'esta momentosa questão...

O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio Mendes Bello, venerando Arcebispo-Bispo do Algarve, acaba de publicar uma carta pastoral, dirigida a todo o clero e mais fieis da sua diocese.

N'este documento prelaticio, que é um bello testemunho do ar-lor verdadeiramente evangelico do illustre Antistite do Algarve, incita S. Exc.^a o seu rebanho a seguir as

maximas irreductiveis do catholicismo, como preludeio á primeira encyclica do nosso Summo Pontifice Pio X, que publica seguidamente.

Agradecendo o exemplar com que fomos honrados, beijamos humildemente o anel de S. Ex.^a Rev.^{ma}.

Chegou no dia 26 a Lisboa o novo Nuncio n'esta côrte, Mgr. Macchi. Na *gare* do Rocio reuniram-se, para o cumprimentar, muitas pessoas de representação social.

No largo de Camões em frente do theatro D. Maria postava-se um batalhão de caçadores 2, commandado pelo sr. Pero Celestino da Costa, com a respectiva banda e á freute do Avenida Palace o esquadrão de lanceiros destinado a fechar o prestito no trajecto da *gare* para a Nunciatura. O *expresso* entrou nas agulhas ás quatro e trinta e quatro. Toda a gente accorreu logo para o caes no intuito de ver o novo embaixador da Santa Sé.

O novo Nuncio de S. Santidade é de physionomia attraente e sympathica. Baixo, de rosto moreno e pequena estatura, apenas salta do comboyo lança um olhar franco e radioso pela multidão, agradecendo com um ligeiro sorriso a recepção festiva que lhe acabam de fazer. Depois recebe os cumprimentos do sr. conde de Alcaçovas e do representante do sr. governador civil de Lisboa e Monseñhor Bovieri apresenta-lhe o Secretario da Nunciatura, os Arcebispos e Bispos presentes, os Padres do Corpo Santo, os do Espirito Santo e os de S. Luiz Rei de França, e uma deputação dos alumnos do Collegio de Campolide, que foram acompanhados á *gare* pelo reverendo Alexandre de Barros. A's cinco menos um quarto Monsenhor Macchi desce a tomar logar no coche ha casa real que lhe foi destinado, um batalhão de caçadores 2, commandado pelo sr. Pedro Celestino da Costa apresenta armas, tocando a banda o hymno da Carta. Pelas escadas da estação, no largo de Camões e no Rocio ha compactas filas de curiosos que a policia contém a muito custo. O cortejo põe-se em marcha por esta ordem:

Coche de D. João V, o chamado coche dos embaixadores, o mesmo que transportou em dezembro de 1896 o Cardeal Ajuti quando Sua Eminencia chegou a Lisboa, conduzindo Monsenhores Gualteri e Faria;

Coche de D. Pedro II, conduzindo Monsenhores Bovieri, Gomes de Jesus e Joaquim Cordeiro;

Coche de D. Affonso VI, transportando o novo Nuncio e o sr. conde das Alcaçovas, que lhe dá a direit; á estribeira um tenente de lanceiros 2.

Por ultimo o esquadrão de cavallaria a fechar o cortejo. Todos os coches são de gala e tirados a trez parelhas de cavallos escuros. Acompanham-nos os moços de estribeira com as suas fardas caracteristicas.

A formosa poesia do nosso distinctissimo collaborador snr. dr. Lemos Ferreira, publicada no n.^o anterior sob o titulo «Hymno ao mar», sahiu com alguns lapsos de revisão que nos apressamos a emendar.

Linha 22 *suspender*, leia-se: *responder*.

» 28 *purpureza*, leia-se: *purpurea*.

» 34 *volate*, leia-se: *volata*.

» 44 *seria* leia-se: *sorria*.

EXPEDIENTE

Mais uma vez lembramos que o pagamento das assignaturas é adiantado, conforme o indicam as suas condições, por isso pedimos encarecidamente que a façam desde já.

COMMUNICADO

A verdadeira e unica

Theologia Moral Universal

DE PEDRO SCAVINI

Segunda edição portugueza

*Esclarecimento aos nossos estimaveis assignantes e
reverendissimo clero em geral*

Alguns dos nossos estimaveis assignantes da segunda edição portugueza de **Theologia Moral Universal de Scavini** dirigiram-se-nos perguntando se esta famosa edição que estamos fazendo tem alguma relação com outra obra referente a Scavini que se está fazendo em Coimbra. Em testemunho da verdade dizemos que a edição que estamos fazendo em Vizeu nada tem com a que se está fazendo em Coimbra. Porquanto a nossa edição é uma traducção fiel e genuina da grande obra de **THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL** de Pedro Scavini, tal como o seu auctor a escreveu, e tal como vem excellentemente annotada e enriquecida de explicações, notas e appendices accomodados em harmonia com os progressos da sciencia Moral contemporanea por Del Vecchio, conego da Sé de Navarra e approvada pela Igreja, sendo que a mesma traducção vae sendo acompanhada das respectivas leis portuguezas ecclesiasticas e civis. A que se publica em Coimbra é uma obra de *Theologia Moral* da iniciativa do sr. dr. Augusto Santos, como elle mesmo diz, e que elle encimou com o passaporte de *Pedro Scavini*, como a poderia encimar com os nomes de Gury, Del Vecchio, D'Annibale, Gousset, Lehmkuhl ou outro auctor qualquer que mais lhe garantisse a expedição do seu trabalho. O sr. dr. Augusto Santos, na sua *theologia moral*, quanto a Scavini e Del Vecchio, transcreve formulas e pensamentos mais ou menos accomodadamente ao seu fim, e cita-os em notas, do mesmo modo que cita outros auctores, procedendo como procedem outros tractadistas: o seu trabalho, pois, nada tem de particular com a *Theologia Moral* de Scavini. Se este grande moralista fosse vivo, decerto protestaria contra a inscripção do seu nome no alto de uma obra que mais parece a roupagem do menino Arlequin.

E já que tivemos de dar esta explicação, mais uma vez asseguramos aos nossos presados assignantes que a nossa traducção ha de ser acompanhada da importante Constituição *Apostolica Sedis*, seguindo-se, como complemento, uma interessante **Synopse** que é um apanhado exacto e completo de toda a Moral de Scavini; trabalho especialmente destinado aos examinandos e aos estudantes dos Seminarios.

Opportunamente publicarei em folheto a historia que deu logar a que o Snr. dr. Augustos Santos viesse atravessar com a sua obra.

Vizeu 4 de janeiro de 1904.

O editor e proprietario
da edição unica e completa em Portugal
José Maria d'Almeida

ANNUNCIOS

Coupon brinde do "PROGRESSO CATHOLICO,"
O assignante que apresente este coupon ao editor—José Fructuoso da Fonseca, tem direito a receber *As Encyclicas de Leão XIII*,—cinco volumes—por 1\$500 reis, franco de porte.

Brinde aos assignantes
do PROGRESSO CATHOLICO

AS ENCYCLICAS DE S. S. LEÃO XIII

OBRA EM CINCO VOLUMES

O editor catholico José Fructuoso da Fonseca, estabelecido á rua da Picaria, 74, Porto, offerece como brinde aos assignantes precioso livro—*As Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII*, que custam 2\$300 reis, pela quantia de 1\$500 reis.

Para os assignantes de fóra da cidade, enviará esta obra franca de porte.

E' condição indispensavel que o pedido venha acompanhado da importancia da obra, sem o que será considerado como não feito.

Vade-Mecum
do Seminarista

(Traducção livre)

Preço . . . 200 réis

A' venda por todo o mez de Março:

A ALMA

NO

CALVARIO

CONSIDERANDO

*Os soffrimentos de Jesus Christo e achando
ao pé da Cruz a consolação para as suas penas*

COM

ORAÇÕES, PRATICAS E HISTORIAS SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

PELO

P. BRAUDAND, S. J.

TRADUZIDA DO FRANCEZ

POR

A. L. F.

*Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio,
BISPO DO PORTO*

Um volume de perto de 400 pag. . . . 300 reis
Encadernado 500 »

IMITAÇÃO DE CRISTO

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada
com notas por*

MONSIEUR MANUEL MARINHO

*Approvada e indulgenciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.
D. ANTONIO, BISPO DO PORTO*

Preços:

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas douradas. 500 »
Em chagrin, douradas 1\$000 »

CARTAS ENCYCLICAS

DE

S. Santidade Leão XIII

5 VOLUMES

Brochado. 1\$500 reis
Encadernado. 2\$100 »

José Joaquim d'Oliveira
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO
103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado;
paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.